

**TEM FESTA NA PRAÇA: atratividades de lazer que dinamizam a
apropriação do espaço**

**HAVE PARTY IN THE SQUARE: leisure attractions that dynamize the
appropriation of the space**

**TIENE FIESTA EN LA PLAZA: atratividades de ocio que dinamizan la
apropiación del espacio**

Tânia Peres Oliveira

Mestra em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Especialista em Ensino e Pesquisa na Ciência Geográfica pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO.
tani.peres@gmail.com

Claudivan Sanches Lopes

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo – USP. Professor Adjunto do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Geografia (PGE) da Universidade Estadual de Maringá – UEM.
claudivanlopes@gmail.com

Recebido para avaliação em 16/12/2017; Aprovado para publicação em 08/02/2018.

RESUMO

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado sobre a configuração do lazer noturno na Avenida Tiradentes, localizada no município de Maringá, PR. Para este artigo foi utilizado um dos espaços analisados no estudo original, a Praça Deputado Renato Celidônio. O objetivo deste artigo foi compreender a influência exercida pelas festas naquele espaço. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, sendo utilizados observações, registros fotográficos e entrevistas. A partir das observações em campo foi possível identificar que a praça possui uma forma de apropriação diferenciada, apresentando fluxo de pessoas apenas em dias onde ocorre algum tipo de intervenção, como por exemplo, a Festa Literária Internacional de Maringá (FLIM) e a Festa dos Estados e das Nações, ambas de periodicidade anual. Nos demais dias, a praça se torna apenas ponto de passagem para pedestres.

Palavras-chave: Atratividade; Espaço; Lazer Noturno.

ABSTRACT

This work is a clipping of the master dissertation on the configuration of nighttime leisure on Avenida Tiradentes, located in the municipality of Maringá, PR. For this article was used one of the spaces analyzed in the original study, the Deputy Renato Celidônio square. The purpose of this article was to understand the influence exerted by the parties in that space. The methodology used was qualitative, using observations, photographic records and interviews. From the observations in the field it was possible to identify that the square has a different form of appropriation, presenting a flow of people only on days where some type of intervention occurs, such as the international Literary Festival of Maringá (FLIM) and States and Nations Festival, both with annual frequency. On other days, the square becomes only a pedestrian crossing point.

Keywords: Attractiveness; Space; Nighttime Entertainment.

RESUMEN

Este trabajo es un recorte de la disertación de maestría sobre la configuración del ocio nocturno en la Avenida Tiradentes, ubicada en el municipio de Maringá, PR. Para este artículo se utilizó uno de los espacios analizados en el estudio original, la Plaza Diputado Renato Celidonio. El objetivo de este artículo fue comprender la influencia ejercida por las fiestas en aquel espacio. La metodología utilizada fue de carácter cualitativo, siendo utilizados observaciones, registros fotográficos y entrevistas. A partir de las observaciones en campo fue posible identificar que la plaza posee una forma de apropiación diferenciada, presentando flujo de personas sólo en días donde ocurre algún tipo de intervención, como por ejemplo, la Fiesta Literaria Internacional de Maringá (FLIM) y la Fiesta de los Estados y de las Naciones, ambas de periodicidad anual. En los demás días, la plaza se convierte en punto de paso para peatones.

Palabras clave: Atractivo; Espacio; Ocio Nocturno.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta parte dos resultados de dissertação de mestrado em Geografia realizada por Oliveira (2017) que tinha como objetivo compreender como se configurava o lazer noturno na Avenida Tiradentes, situada no centro da cidade de Maringá, Paraná, partindo da apropriação dos espaços pelos sujeitos. Os espaços estudados incluíam os estabelecimentos privados de lazer, a Praça da Catedral e a Praça Deputado Renato Celidônio (utilizada como recorte espacial para esta pesquisa). Cada espaço possui particularidades que variavam na sua estrutura, nas intenções, na forma de apropriação, até no próprio uso do espaço.

Notadamente, a última praça supracitada possui uma maneira de apropriação peculiar, a qual merece destaque. Deste modo, buscando maior entendimento sobre o fenômeno, o objetivo deste artigo consiste em compreender a influência que as festas exercem na dinamização da Praça Deputado Renato Celidônio, considerando a perspectiva dos seus frequentadores.

Esta praça, conhecida também como Centro de Convivência Deputado Renato Celidônio é, durante o dia, utilizada apenas como ponto de passagem para transeuntes ou trabalhadores do entorno, e à noite, este espaço não é frequentado. Porém, a praça ganha “vida” quando se torna espaço articulador entre o sujeito e o lazer a partir de eventos anuais, como a Festa Literária de Maringá (FLIM) e a Festa dos Estados e das Nações, ou eventos esporádicos. Neste período os habitantes da cidade e de cidades do entorno se deslocam em direção à praça visando o lazer constituído por desejos gastronômicos, pelo ato de “sair de casa”, pela busca do divertimento e do conhecimento, promovendo a dinamização do espaço.

Além disso, estas festas, na visão dos frequentadores, carregam um caráter também simbólico. Na FLIM, esta representatividade se faz a partir das experiências culturais necessárias para o desenvolvimento do sujeito, e na Festa dos Estados e das Nações, o caráter simbólico se faz presente no ato de solidariedade, visto que esta festa tem como finalidade arrecadar dinheiro para instituições filantrópicas. O que as duas festas possuem em comum, e que representam grande significado para seus usuários, é a democratização de algumas atrações e a possibilidade de liberdade tanto nas vestimentas como no comportamento.

Ainda que, por se tratar de um espaço público, a caracterização de espaço democrático esteja presente, não se deve desconsiderar que as atividades de lazer que são atribuídas como forma de dinamização da praça, nem sempre são passíveis de serem vivenciadas de forma plena por todos que naquele espaço transitam.

A partir do exposto é possível conjecturar sobre uma maior participação popular nas decisões referentes às formas de apropriação da praça no momento disponível para o lazer, passando a considerar os anseios e desejos dos sujeitos envolvidos na ação.

O LAZER E A PRAÇA DEPUTADO RENATO CELIDÔNIO

O lazer é parte integrante do contexto social dos sujeitos e se faz presente nas diversas esferas da vida, tais como a do trabalho, da educação, da religião, da família e da cultura.

Dentre as mais variadas possibilidades de se compreender geograficamente o lazer, está a sua forma de representação e vivência no espaço urbano, tratadas em autores como Lefévre (2001), Carlos (2001), Serpa (2004), Santos (2007), dentre outros.

Esta perspectiva ainda desponta para outras possibilidades de análise, dentre elas, o lazer na lógica do consumo ou desvinculado deste. Em ambos os casos, o que se observa é a busca por uma análise crítica que se distancia da mera descrição, preocupando-se em atrelar o fenômeno do lazer a consequências e apresentação de soluções para problemáticas vislumbradas.

Uma das primeiras questões com a quais se depara o pesquisador que decide estudar o fenômeno do lazer é sua definição conceitual. No Brasil, apesar do termo lazer aparecer em algumas pesquisas desde a década de 1950, foi a partir da década de 1970 que os estudos nesta temática ganharam força. Tal fato justificado pelas várias visitas de Joffre Dumazedier ao país entre os anos de 1961 a 1963 a convite da Universidade de Brasília, do

Movimento de Cultura Popular da cidade de Recife e, ainda, das autoridades eclesiásticas de Pernambuco (GOMES, 2005).

Dentre a gama de autores nacionais e internacionais que passaram a se debruçar para compreender o fenômeno lazer há a brasileira Christianne Luce Gomes. Para a autora, o lazer se constitui através de quatro elementos que estão intrinsecamente correlacionados. Tais elementos são:

Tempo, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer (final de semana, férias, etc.). *Espaço-lugar*, que vai além do espaço físico por ser um “local” do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com o outro e com o mundo) e de convívio social para o lazer. *Manifestações culturais*, conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento. *Ações* (ou atitude), que são fundadas no lúdico – entendido como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade (GOMES, 2004, p. 124, grifos da autora).

Partindo deste conceito de lazer, que o considera como um ato emancipatório, é importante a sua articulação com o espaço urbano, onde ocorrem as complexas relações entre os sujeitos e o espaço. De forma ainda mais próxima, é possível pensar o lazer através de um recorte espacial abrangendo os estabelecimentos de entretenimento ou os espaços públicos da cidade (OLIVEIRA, 2017). Seguindo esta perspectiva, para este artigo, o recorte espacial para o estudo do lazer foi, como já mencionado, a Praça Deputado Renato Celidônio (Figura 1), localizada na cidade de Maringá, no estado do Paraná.

A praça está situada sob as coordenadas geográficas de 23°25'28" latitude sul e 51°56'18" de longitude oeste, altitude de 557 metros e está localizada entre as Avenidas Tiradentes, XV de Novembro, Duque de Caxias e Herval (BOVO, 2009, p. 173), e possui uma área total de 151.644,122 m².

Ainda segundo o autor, a referida praça sofreu algumas modificações ao longo do tempo, sendo que até o ano de 1987 havia duas praças, a D. Pedro II e a Desembargador Franco Pereira Costa, que eram separadas por uma via (Rua Arthur Thomas). Contudo, após uma reforma, essas praças foram unidas, surgindo assim, a atual Praça Deputado Renato Celidônio, ligando atualmente a Avenida XV de Novembro à Avenida Tiradentes.



Figura 1 –Praça Deputado Renato Celidônio localizada na Avenida Tiradentes, 2016.
Fonte: ITCG, 2006.

Denominada popularmente como praça da prefeitura, a Praça Deputado Renato Celidônio foi idealizada para ser um espaço de reunião pública e de lazer onde pudessem ser realizadas comemorações cívicas e algumas festividades de caráter cultural, social e beneficente. Trata-se de espaço que dispõe de boa iluminação, uma escultura na parte central, telefones públicos, sanitários, bancos, pavimentação, bebedouro, lixeiras disponibilizadas em vários pontos, estacionamento, além de ser bastante arborizada (BOVO, 2009, p. 174).

No entorno da Praça Deputado Renato Celidônio situa-se o centro político e administrativo da cidade, contemplando o paço municipal, fórum, o prédio do Hotel Bandeirante, atualmente desativado e tombado como Patrimônio Histórico e Cultural por lei estadual, e a agência central dos Correios.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A coleta de dados teve como base metodológica o caráter qualitativo, com a aplicação de entrevistas, fotografias e observações *in loco*. Para a realização das entrevistas, optou-se pela entrevista individual de profundidade e individual do tipo episódica, seguindo as diretrizes de George Gaskell (2002, p. 64) e Uwe Flick (2002, p. 114).

Foram entrevistados¹ o total de quatro pessoas do gênero feminino e masculino, com idade variando de 22 a 36 anos de idade, com grau de escolaridade entre ensino fundamental incompleto a ensino superior completo, todos residentes na cidade de Maringá. As entrevistas foram realizadas nos finais de semana, durante o período noturno, em dias em que ocorriam as festas, tendo em vista que, como já apontado, nos demais finais de semana, a praça era utilizada apenas como ponto de passagem rápida.

O material recolhido, ou seja, a transcrição das entrevistas em conexão com as observações de campo foi analisada segundo a metodologia de “análise de conteúdo”, sugerida por Bauer (2002, p. 189) e Moraes (1999, p. 8). A análise de conteúdo exprime um caráter social, tendo em sua essência o objetivo de produzir deduções de um texto, no caso desta pesquisa, as transcrições das entrevistas e observações num determinado contexto social (BAUER; GASKELL, 2002, p. 191-192).

As observações realizadas desde o início da pesquisa serviram, em um primeiro momento, para o reconhecimento da área de estudo e para direcionamentos iniciais quanto ao encaminhamento bibliográfico. Tais observações seguiram técnicas não invasivas, tal como, sugeridas por Veal (2011, p. 250).

A APROPRIAÇÃO DA PRAÇA DEPUTADO RENATO CELIDÔNIO

A ideia de lazer adotada para esta pesquisa não está pautada no ato do consumo propriamente dito, mas sim, na sua capacidade de vivência nas mais variadas formas, abarcando, segundo Gomes (2008, p. 5), a brincadeira, o jogo, a festa, a viagem, o esporte, o passeio, que são considerados como manifestações culturais e através, também, das manifestações artísticas como literatura, dança, pintura, teatro, música, dentre outras inúmeras possibilidades, que também propiciam experiências de lazer.

Apesar das práticas de lazer nem sempre necessitarem de um espaço específico para que se efetive, estando ele presente em várias esferas da vida das pessoas, o espaço concreto e público da praça torna-se interessante forma de compreender o lazer mediante as práticas que ali são socialmente construídas, dinamizando tal espaço. Partindo deste propósito, é importante compreender que o espaço não deve ser referenciado apenas como palco, mas sim, como lócus para as práticas espaciais.

Sua dinamização pauta-se na articulação existente entre os fixos, que, por sua vez, são assinalados pela materialização do trabalho exercido pelo homem (casas, bairros, etc.), e

¹ Por razões éticas, os nomes dos entrevistados que aparecem no texto são fictícios.

que fixados em um respectivo lugar possibilita ações que levam à transformação do próprio lugar e dos fluxos que acabam por reconfigurar aquele lugar por meio das condições ambientais e sociais (SANTOS, 2002).

Carlos (2001, p. 11), da mesma forma que Santos (2002), defende a ideia de se compreender as relações sociais a partir do espaço. Segundo ela, os elementos que compõem a existência comum dos sujeitos partem de um espaço, deixando ali sua marca e seu registro. E é nesse contexto que o espaço e o tempo surgem por intermédio da ação humana de forma inseparável, uma ação que se concretiza como modo de apropriação para a reprodução da vida indo além do mundo do trabalho, produção de objetos, mercadorias e/ou produtos, ou seja, vai além das necessidades materiais se tornando a produção da humanidade pelo próprio homem (CARLOS, 2001, p. 11).

Nesta perspectiva, a Praça Deputado Renato Celidônio constitui-se não apenas como um espaço fixo no centro da cidade de Maringá, mas, como espaço de grande dinâmica motivada pelos objetos afixados no espaço em momentos festivos, com o intuito de estimular as práticas de lazer. Neste espaço público se desenvolvem práticas espaciais que estimulam as interações com as atividades propostas para este espaço, porém, reduz a possibilidade de um lazer emancipatório e que promova interação entre os sujeitos e grupos distintos.

A apropriação da praça em questão para a prática do lazer é bastante peculiar, pois mesmo sendo uma praça de localização central, contendo estacionamento, banheiros, bancos e arborização, nos finais de semana, em dias nos quais não estão sendo realizados eventos, principalmente no período noturno, observa-se uma baixa representatividade no que concerne a sua utilização, mantendo-se, simplesmente, como caminho de transeuntes, ou seja, sem nenhuma forma de efetiva apropriação (Figura 2).

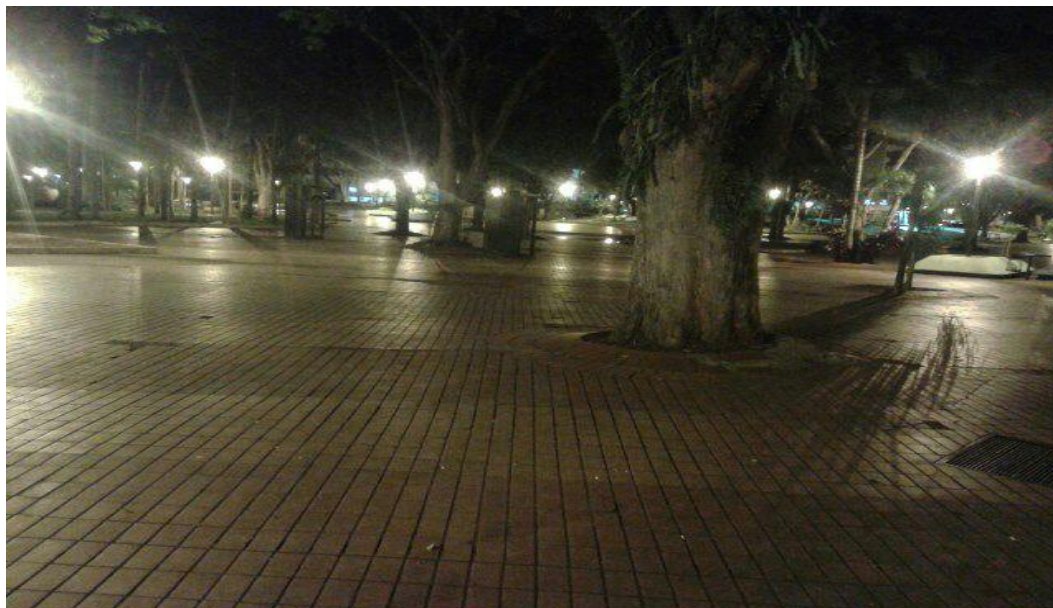


Figura 2 – Visão parcial da Praça Deputado Renato Celidônio às 22h40
Fonte: A autora.

No entanto, esse espaço é também utilizado para a realização de alguns festivais, como a Festa Literária de Maringá, e festas gastronômicas já tradicionais na cidade, como a Festa dos Estados e das Nações. Nos outros dias a praça é ocupada por feiras de artesanato e outras atividades esporádicas que também costumam seguir suas atividades até o horário noturno.

Destarte, observando o fluxo de pessoas, verifica-se que esta praça é utilizada, mais expressivamente durante o dia, como espaço de passagem, seja por aqueles pedestres que passam por ali esporadicamente, seja por aqueles que trabalham naquela região.

Outro ponto que chama a atenção vem dos próprios frequentadores das festas que, ao serem questionados quanto ao espaço da própria praça, reconhecem, muitas vezes envergonhados, que desconhecem a estrutura da praça, já que costumam caminhar direto para o espaço onde está sendo realizado o evento. Aline, uma das entrevistadas ruborizada comenta que: “Na verdade, senti até uma certa vergonha agora. Mas não, eu geralmente venho direto para o evento [referindo-se às festas que ocorrem na praça], mas depois dessa pergunta vou olhar melhor [risos]”.

Em contrapartida, alguns dos entrevistados mencionaram alguns pontos que são destaque no espaço, como o chafariz e os vasos com flores que ocupam alguns pontos do jardim que compõe a praça, porém, ressaltam que não saberiam dar maiores detalhes sobre o espaço. Murilo, por exemplo, revela: “O pouco que conheço daqui, eu gosto bastante, das árvores, da fonte que tem ali na frente”.

Tal apontamento vem ao encontro com a ideia de uma praça articuladora para o lazer, partindo do pressuposto de espaço possível para realização de atividades atrativas, porém, não atrativa pelos seus equipamentos disponíveis, chegando ao ponto de ser “invisível” para a população. A invisibilidade quanto aos espaços da praça, sendo utilizada efetivamente apenas durante a realização das festividades, leva à discussão de que tais espaços, muitas vezes, são planejados apenas a partir da perspectiva de quem os projetam, como bem explana Serpa (2004, p. 33):

Todos os habitantes do espaço urbano têm seu sistema de significações ao nível ecológico, expressão de suas passividades e de suas atividades. Já os arquitetos (paisagistas e urbanistas) parecem ter estabelecido e dogmatizado um conjunto de significações, elaboradas não a partir do percebido e do vivido pelos habitantes da cidade, mas a partir do fato de habitar, por eles interpretado.

E ao pensar nesse conjunto de significações, ainda é possível mencionar o autor supracitado quando, ao discorrer sobre o espaço público e o Estado, enfatiza que o cotidiano se concebe mediante as estratégias do Estado, dirigida a classes que são produto e suporte desse Estado (SERPA 2004, p. 33). Nesse sentido, ainda que não seja o objetivo desta pesquisa, é plausível considerar que possa haver interesses do poder municipal, contidos nas formas de atividades definidas para o espaço da praça.

FLIM E FESTA DOS ESTADOS E DAS NAÇÕES: atividades de lazer que dinamizam o espaço da praça

A referida praça deixa de ser um espaço praticamente sem vida e passa a ter uma maior representatividade no número de usuários, notadamente no período noturno, a partir das festas que ocorrem neste espaço. Por se tratar de uma área central, espaço público e sendo a maior praça da cidade, composta por uma grande área calçada, esta se torna um ponto interessante para a realização de eventos, sendo alguns destes de caráter internacional, como é o caso da Festa Literária Internacional de Maringá.

A FLIM é um evento literário recente na cidade, tendo a sua primeira edição realizada no ano de 2014. Com cinco dias de duração, conta com a presença de vários escritores convidados, atividades artísticas como apresentações teatrais, contação de histórias, espaços de recreação para crianças, shows e, ainda, bate-papo com artistas consagrados, mesa-redonda e palestras, sendo todas essas atividades gratuitas e abertas ao público em geral (Figura 3). O horário de abertura é sempre no período da manhã,

perdurando ao longo do dia e seguindo até às 22 horas, quando se encerram as atividades do dia.



Figura 3 – Espaço criança na FLIM às 20h.
Fonte: A autora.

Conforme as observações realizadas e dados coletados na pesquisa, esta festa tem atraído desde profissionais de outros estados da área de literatura, interessados em divulgar seus trabalhos, vender suas obras e conhecer os lançamentos, até pessoas sem contato direto com o universo literário, que frequentam a festa em família, com amigos ou até sem nenhuma companhia, buscando usufruir do momento de descanso e aproveitando as atrações proporcionadas pelo próprio evento. Estas pessoas são homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e até idosos que residem na cidade de Maringá ou cidades da região, que se dirigem até a feira no horário noturno, muitas vezes após o expediente de trabalho, ou ainda, segundo comentário de uma frequentadora da feira a uma outra pessoa, como um horário para se evitar o calor excessivo durante o dia.

Um dos aspectos importantes que surge nesta relação entre a praça e o evento, e que foi identificado nas falas dos sujeitos da pesquisa, é a ideia ou a concepção do espaço público, aqui representado pela praça como espaço democrático por excelência, que significa algo que emana e que pertence ao povo e que, assim, conforme observado, não se impõe normas rígidas de comportamento, caracterizando-se como espaço de liberdade onde não existe a preocupação constante de controle nos usos e costumes relacionados, por exemplo, às vestimentas como relatam os entrevistados Paulo e Aline. Paulo ao aludir

sobre a praça afirma: “Ah, moça! Aqui é um lugar simples né, sem frescura” e Aline, nesta mesma direção, afirma:

[...] eles não cobram a entrada e *voce não precisa ficar se preocupando com a roupa que vai vestir* já que é um lugar que eu entendo que permite você andar mais à vontade, *é um espaço mais...* agora esqueci o termo, deixa eu tentar lembrar... *democrático*, essa é a palavra, do meu ponto de vista, claro (Aline) (Grifos nossos).

A caracterização da praça como espaço democrático e livre de controles apontada pelos frequentadores é de suma e valiosa importância, pois, advém da ideia de como estas pessoas percebem aquele espaço. Tal apreciação se torna facilitada a partir de experimentações e vivências.

Não obstante, é possível conjecturar com a concepção do espaço vivido, um dos componentes da análise tridimensional da produção do espaço a partir de Lefebvre (2006, p. 64) onde assevera que o espaço vivido se constitui “[...] através das imagens e símbolos que o acompanham, portanto, espaço dos “habitantes”, dos “usuários” [...]”. A dimensão do espaço vivido pode ser entendida como sendo a experiência que se vivencia no espaço, ou seja, como as pessoas experimentam o mundo em suas práticas espaciais cotidianas.

Assim, ao frequentarem a praça e entendê-la previamente como espaço público sem normatizações específicas e rígidas, estas festas também passam a denotar, segundo as pessoas, certa flexibilidade que é condizente com o espaço em que estas festas se encontram.

Outra festa que já é bastante conhecida pela população local e regional é a Festa dos Estados e das Nações, que completou no ano de 2016 o seu trigésimo terceiro aniversário. Sediada todos os anos na Praça Deputado Renato Celidônio, a festa se caracteriza pela variedade de barracas servindo pratos típicos diversos e, ainda, pelas barraquinhas que vendem artesanatos e lembrancinhas da cidade, shows e apresentações de danças típicas, além de alguns equipamentos básicos de parque de diversões para as crianças. A festa instiga a movimentação na praça que, mais uma vez, se torna bastante movimentada, tanto durante a semana quanto nos finais de semana, durante o dia e à noite (Figura 4).



Figura 4 – Barracas de artesanato na Festa dos Estados e das Nações às 20:30h.
Fonte: A autora.

A alimentação, além de essencial para a sobrevivência, é uma das opções de várias pessoas quando o assunto é lazer. No caso específico desta festa, ela acaba por unir dois elementos importantes: o sair de sua residência para experimentar o prazer que envolve o saborear pratos diferentes e que fogem muitas vezes do trivial, e, também, a consciência de contribuir para entidades filantrópicas.

Todavia, é importante frisar que esta festa nem sempre é acessível a todas as pessoas, embora realizada em uma praça e sem requintes luxuosos, sendo percebido pelos usuários como uma festa de caráter democrático e simbólico, que nesse caso específico se refere à solidariedade.

Este fato pode ser esclarecido por meio da fala de Gimenes, Brea e Gândara (2012), ao afirmarem que os hábitos relacionados à alimentação são em si mesmos complexos e englobam fatores biológicos, culturais e sociais, podendo exibir também um caráter funcional, ou seja, com o objetivo de saciar a fome, ou ainda, a alimentação de cunho simbólico voltada para as relações sociais no intuito de estreitá-las, para celebrações ou como forma de status.

Verifica-se, deste modo, considerando a análise dos depoimentos coletados, que as principais intenções de lazer daqueles que frequentam a Festa dos Estados e das Nações passa pelo interesse em consumir alimentos diferenciados, somado ao prazer de poder sair de casa, características estas muito presentes nas falas dos entrevistados quanto as suas necessidades de lazer. Nesse âmbito, mediante o ideal de lazer apresentado pelos

entrevistados, a praça satisfaz, ainda que parcialmente, suas necessidades de lazer, pois oferece por meio das festas realizadas, uma diversidade gastronômica, além de possibilidades culturais e lúdicas.

Mesmo sendo predominantemente um lazer vinculado ao estímulo do consumo (a FLIM de livros e a Festa dos Estados e das Nações de alimentos), as duas festas trazem percepções diferenciadas para os que frequentam o espaço que as abriga, ou seja, a Praça Renato Celidônio. Na FLIM, ainda que sejam oferecidas as possibilidades de consumo, as práticas de lazer que envolvem o lúdico e a cultura sem a necessidade obrigatória do consumo é bastante presente e aproveitada pelos usuários, sejam crianças, jovens e adultos. Já na Festa dos Estados e das Nações, é possível caminhar por entre as barracas e observar o que ocorre no espaço, todavia, seu maior aproveitamento só decorre a partir da aquisição dos produtos que são ali vendidos.

Frente a isso, ainda que estas festas possuam uma representação simbólica para seus frequentadores, é importante não desconsiderar que o lazer, outrossim, possui a capacidade de gerar ou agravar uma situação de segregação, visto que possui um viés de interesse econômico. Nesse sentido:

[...] o lazer é visto como elemento de reforço, e não de reação à alienação do homem contemporâneo, e mais ainda, como uma rentável fonte de bens e serviços a serem consumidos para alimentar o mercado, sofrendo assim, elevados graus de imposição (MARCELLINO, 1983, p. 13).

Ainda nesta perspectiva, para Santos (2007), a cidade pode ser apreendida como um lazer pago, onde a população é inserida no mundo do consumo: “Temos de comprar o ar puro, os bosques, os planos de água, enquanto se criam espaços privados publicizados [...]” (SANTOS, 2007, p. 62). Dessa forma, quem não possui condições de pagar pela água, pelo estádio, piscina, etc., não pode usufruir desses bens que deveriam ser públicos por se tratar de bens essenciais (SANTOS, 2007).

De forma complementar à ideia de Santos (2007) e Marcellino (1983), Carlos (1992) assevera que o lazer mediado como mercado traz como consequência a perda da capacidade de apropriação social da cidade pelos sujeitos através do ócio, de brincadeiras e jogos. Pensando nessas necessidades humanas, Lefebvre (2006) afirma com propriedade que:

O ser humano tem também a necessidade de acumular energias e a necessidade de gastá-las, e mesmo de desperdiçá-las no jogo. Tem necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir essas percepções num

“mundo”. A essas necessidades antropológicas socialmente elaboradas, que não satisfazem os equipamentos comerciais e culturais que são mais ou menos parcimoniosamente levados em consideração pelos urbanistas. Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas (LEFEBVRE, 2006, p. 103 e 104).

Ao refletir sobre a Praça Deputado Renato Celidônio, torna-se importante ressaltar que esta cumpre, na contemporaneidade, ainda que de forma não expressiva, a função de centro de convivência. Todavia, ao considerar as falas de Lefebvre (2006), Carlos (1992) e Serpa (2004) associadas às formas de apropriação do espaço da praça para as práticas do lazer, é importante ressaltar que, os eventos que lá ocorrem e tornam a praça dinamizada, não tornam aquele espaço como um pleno articulador de relações socioespaciais, visto que, apesar destas festividades influenciarem a ida de diversas pessoas até a praça, estas se direcionam ao espaço onde as barracas e demais atrações estão dispostas, mantendo as atenções para os serviços ofertados.

Sob essa lógica predominam ainda, de forma marcante, características de uma sociedade individualista onde as socializações, nestas festas, se registrem apenas aos seus pares, ocasionando a segregação e segmentação no espaço público da cidade. Para Serpa (2004, p. 32):

Em verdade, os usuários privatizam o espaço público através da ereção de barreiras simbólicas, por vezes invisíveis. O espaço público transforma-se, portanto, em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos.

Mediante o exposto é preciso pensar em possibilidades de atividades de lazer que estimulem a utilização destes espaços públicos visando um lazer lúdico e de manifestações sociais, um lazer que busque a inclusão e não a segregação, que valorize os encontros e as aproximações não apenas espaciais, mas, também, relacionais.

No caso da praça estudada foi possível verificar que as festividades a tornam dinamizada e locus da ação, no entanto, é possível pensar em uma maior participação popular, considerando suas percepções, gostos, desejos e necessidades no intuito de criação de outras possibilidades de usufruto do espaço da praça por meio de atividades gratuitas, tornando mais próxima da plenitude, o entendimento de espaço da praça como democrático, como fora mencionado pelos entrevistados durante a pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distinção entre o “lazer de consumo” e o “lazer de não consumo” nem sempre é exposta de forma clara e assertiva, provocando, não raramente, confusão. Esse fato pode ser observado quando os espaços públicos acabam por incorporar atrativos de lazer voltados ao consumo. Nesse sentido, corre-se o risco da perda do caráter democrático de acesso às praças minimizando, conseqüentemente, o caráter emancipatório presente nas atividades de lazer tal como foi discutido e defendido neste artigo.

É sabido que as praças, além de suas diferenças no que concerne à estrutura e função, diferem também na sua forma de apropriação. Mesmo possuindo infraestrutura adequada para as práticas do lazer isso não significa que, efetivamente, funcione para esse fim, sem que haja uma forma de estímulo.

Verificou-se, assim, que a Praça Deputado Renato Celidônio é comumente utilizada como ponto de passagem de pedestres que circulam entre duas avenidas importantes da cidade de Maringá (a Avenida XV de Novembro e a Avenida Tiradentes) e que, geralmente, passam pela praça sem se atentarem àquele espaço, desconhecendo as características físicas do local. Desta forma, pode-se considerar que sua infraestrutura e os equipamentos disponíveis não atraem a população para a prática do lazer.

Todavia, por meio das observações e coleta de dados realizadas na praça ao longo da pesquisa, é possível perceber que este espaço cumpre uma de suas funções principais, que é ser um centro de convivência, impulsionando a apropriação da praça por crianças e até idosos. Este fato se faz possível por intermédio dos atrativos festivos disponibilizados.

Sem embargo, a forma como são postas as ferramentas de entretenimentos no espaço estudado vem ao encontro, principalmente, das críticas realizadas por Carlos (2001) e Santos (2007) quanto ao lazer de entretenimento voltado ao consumo, já que, nas festas, ainda que com intensidades diferenciadas, visam-se à obtenção de recursos financeiros, seja para fins sociais ou não. Serpa (2004), quando focaliza nas relações socioespaciais, mencionando a criação de territórios nos espaços públicos, tendo em vista que a socialização entre as pessoas se mantém em um único espaço, porém, em contato apenas com seus pares; e Serpa (2004) e Lefebvre (2001), quando problematizam a produção do espaço sem valorizar o espaço percebido e vivido pelos habitantes que vivenciam o cotidiano da cidade.

Sobre este último aspecto exposto, ressalta-se a importância da continuidade destas intervenções no espaço público estudado, mas, além disso, faz-se necessário que se tenha formas de atratividades gratuitas, possibilitando aos habitantes da cidade e do entorno usufruírem das atrações não apenas de forma parcial, mas, sim, de forma plena. Nesse

sentido, defende-se que ações que compõem as políticas públicas direcionadas a esse espaço devam ser pensadas não apenas nas formas de entretenimento, mas, fundamentalmente, nos desejos dos moradores da cidade, buscando uma reeducação para o lazer que levem as pessoas a refletir sobre a importância da apropriação dos espaços públicos no tempo disponível.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

BOVO, Marcos Clair. **Áreas verdes urbanas, imagem e uso: um estudo geográfico sobre a cidade de Maringá** – PR. 2009. 324 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente – UNESP, Presidente Prudente, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/2f5PVR>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001. 368 p.

_____. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

FLICK, Uwe. Entrevista Eposídica. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. p. 114-136.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. p. 64-89.

GIMENES, Maria Henriqueta S. G.; BREA, José Antônio Fraiz; GÂNDARA, José Manoel. Comidas inolvidables: la construcción de una metodología para analizar las experiencias de comer fuera de casa. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 21, n. 4, p. 802-824, jul./ago. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/uyR6uS>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

GOMES, Christianne Luce. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

_____. Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades. **Revista Intinerarium**, v. 1, p. 01-18, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/d1foDV>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

GOMES, Cristina Marques. **Dumazedier e os estudos do lazer no Brasil: breve trajetória histórica**. 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/dDEazp>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

LEFÉBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Belo Horizonte: EdUFMG, 2006.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. Campinas: Editora Papirus, 1983.

MARINGÁHISTÓRICA. **Antes da Praça Deputado Renato Celidônio** - Década de 1970. Disponível em: <<https://goo.gl/GqenxB>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

MORAES, R. Análise do conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <<https://goo.gl/LwjL5J>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

OLIVEIRA, T. P. **A outra face**: uma representação sobre o lazer noturno na Avenida Tiradentes em Maringá, PR. 2017. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/BV2Aiy>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SERPA, Angelo. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. **GEOUSP**, n. 15. 2004. Disponível em: <<http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/Geosp15/Artigo2.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

VEAL, A. J (Tony). **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.